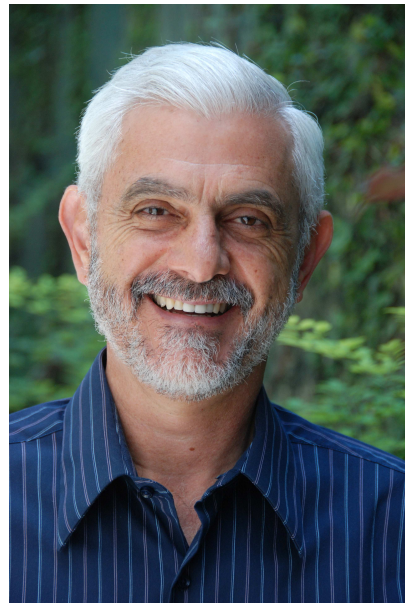


Benedito Abbud

Arquitetura Paisagística: Uma Profissão do Futuro

Benedito Abbud é arquiteto paisagista, formado pela FAU-USP, onde também obteve o título de mestre e foi professor. Fundou a empresa “Benedito Abbud Arquitetura Paisagística” em 1981, e conta com mais de 5.000 projetos desenvolvidos no Brasil e exterior, tornando-se, na atualidade, o maior escritório de paisagismo do Brasil.

www.beneditoabbud.com.br



“Pela grande quantidade de oportunidades e pelo cenário atual em alta, vejo a arquitetura paisagística como uma das profissões do futuro.”

A Revista LABVERDE entrevistou o arquiteto Benedito Abbud, diretor e fundador da maior empresa de Arquitetura Paisagística do Brasil, e trouxe aos leitores suas opiniões e maneira de pensar o projeto de Paisagismo.

1-) Como você vê a profissão de arquiteto paisagista nos dias atuais?

- Pela grande quantidade de oportunidades e pelo cenário atual em alta, vejo a arquitetura paisagística como uma das profissões do futuro.

2-) Como era essa atuação há 20 anos atrás?

- Há 20 anos atrás, estávamos convencendo os clientes do mercado imobiliário que o nosso trabalho era importante para eles, que agregava valor ao imóvel, atendia as novas

necessidades de lazer, enfim, melhorava a qualidade de vida do comprador sem aumentar os custos. De qualquer forma, os gastos com pisos, canteiros, iluminação, impermeabilização e drenagem das áreas externas tinham que ser feitos de qualquer forma, quer seja atendendo um bom projeto que superasse a expectativa do cliente ou não.

3-) Como vê as questões de sustentabilidade em seus projetos?

- O argumento da sustentabilidade é fundamental, e bom para todos: para o projetista, para o empreendedor, para o comprador e para o planeta.

Quando um elemento é bom para todos, o universo conspira a favor. Porém acredito que a sustentabilidade deva estar apoiada em 5 pilares: A sustentabilidade ambiental, a social, a cultural, a econômica e principalmente a sustentabilidade pessoal que tem que ser percebida pelo usuário.

4-) Fale-nos um pouco sobre sua participação no projeto da Praça Victor Civita?

4 - Quando fui chamado, o projeto arquitetônico da praça já estava estruturado, era muito bom e desafiador.

Cabia a mim contribuir com a conceituação da vegetação.

Pude realizar um sonho antigo: Colocar espécies de produção agrícola que fazem perguntas e não propõem respostas:

- O que será de nós com os alimentos transgênicos?

- Vale a pena plantar cana que exige um ótimo solo para fabricar combustível e não alimentos, enquanto podemos ter o biodiesel a partir de espécies menos exigentes como mamonas, avelós, etc.?

- Que tal usar os muros para produzirmos alimentos através da hidroponia?.

- Por que não usar as falsas vinhas que revestem as edificações tornando-as frescas no verão e quentes no inverno a custo zero?

5-) Você o considera um projeto inovador? Em que pontos?

5 – Pudemos propor um projeto mais conceitual, pois existia a figura de uma ONG para monitorar os visitantes, principalmente escolas e crianças.

*Como estávamos sobre um solo contaminado, que foi separado do solo superficial para plantio através de uma manta impermeável de borracha, tivemos a oportunidade de testar o **tec garden** que é um sistema de irrigação que utiliza água de chuva por capilaridade, sem uso de energia, bombas, bicos, manutenção, etc. O **tec garden** era uma tecnologia que estávamos testando há cinco anos.*

6-) Quais outros projetos seus você destacaria como inovadores?

- Acho que mais que a inovação, um projeto deve ter uma alma, um conceito, um objetivo, o qual contribua com o "crescimento" dos usuários.

Por exemplo: O Brascan Century Plaza (leia-se Kinoplex, figuras 1 e 2) no Itaim só foi possível, pois o cliente comprou a idéia de se comemorar 100 anos da empresa Brascan no Brasil. O projeto propunha 100 árvores de pau-brasil adultas e um "espaço praça" de uso público para se tornar o centro do Bairro.

Isso facilitou a aprovação do aumento dos custos de obras. Esses custos foram resultantes da necessidade de: maior escavação, uma vez que a maior profundidade de terra para que as árvores se desenvolvessem sobre a laje exigiu que os sub solos descessem mais; e também os custos com os reforços dos pilares para suportar o aumento do peso extra do solo necessário para o plantio das árvores.



Fig. 1 – Brascan Century Plaza (Kinoplex): vista geral da praça.



Fig. 2 - Brascan Century Plaza (Kinoplex): detalhe do espelho d'água.

7-) Em relação ao mundo, como anda o paisagismo brasileiro?

- Na prática nosso paisagismo está ótimo, pois acho que estamos alinhados com a melhor produção mundial.

Quanto a sua divulgação, infelizmente paramos na época de Burle Marx. As revistas se interessam pouco por projetos de grandes escalas, ainda publicam jardins residenciais unifamiliares, pois é o que vende.

8-) Em atuações multidisciplinares, quais áreas de atuação você considera imprescindíveis nos projetos ambientais em sua equipe?

- Disciplinas como urbanismo, arquitetura, engenharia (principalmente infra estrutura, hidráulica, elétrica, cálculo estrutural, impermeabilização) meio-ambiente, agronomia, luminotecnia, orçamentos, etc.

O universo das escalas, especificidades e necessidades de cada projeto dirá quais as prioridades para assessorar a multidisciplinaridade da arquitetura paisagística.

9-) E sobre as condições e sinergias de grupo que devem ocorrer para que o trabalho seja realmente multidisciplinar?

- A sinergia deve estar embasada no respeito pessoal e profissional inerente a cada disciplina. Isso não é fácil. Em geral representa muito trabalho e re-trabalhos para absorver novas idéias, novos conhecimentos, novas técnicas e novas soluções. Mesmo que haja discussões teóricas anterior é somente quando alguém começa a desenhar, a estruturar o projeto é que as contribuições surgem, e infelizmente não ao mesmo tempo, mas em seqüência implicando em muitas mudanças e alterações. Estamos ainda no início da prática desse processo.

10) Sobre a formação do arquiteto paisagista atual, quais as questões que você considera vitais para a evolução e valoração da profissão?

- Ter um pé na imaginação, no sonho, mas o segundo pé no chão, na realidade, nos custos e na viabilidade. Embora esses sejam momentos diferentes no processo da criação do projeto.

Infelizmente parece que os alunos estão sendo treinados apenas para o imaginativo, para o novo, para ser autoral, e não estão embasados para responder questões técnicas de execução, de adequação, de custos, etc.

Os alunos têm dificuldade de falar a linguagem técnica dos consultores e mais ainda a dos clientes.

Sem o cliente que realiza a construção do nosso projeto, o nosso trabalho não passa de idéias desenhadas, somos apenas sonhadores e não criadores, uma vez que a obra não se materializa.

São Paulo, outubro, 2010.